



## **Revista Brasileira de Psicanálise (1968): a mensagem da peça teatral *Roda Viva* por Virgínia Leone Bicudo**

**Roger Marcelo Martins Gomes<sup>1</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

A psicanálise desde a sua origem buscava no teatro ideias e símbolos que pudessem não só ilustrar como fundamentar os casos clínicos e a teoria psicanalítica. Freud, por exemplo, buscou na tragédia *Édipo Rei* do grego Sófocles um dos alicerces da psicanálise, o Complexo de Édipo. A valorização do teatro pelo psicanalistas manteve-se em toda a história da psicanálise, ainda hoje a sua importância para a psicanálise é claramente defendida.

*O psicanalista não pode fechar-se numa redoma. Ele precisa estar atento ao mundo no qual vive e no qual vivem seus pacientes. A arte teatral certamente tem muito a lhe ensinar. A própria criação da psicanálise deve muito aos grandes gênios da dramaturgia, estando repleta de citações. (AZEVEDO, 2010, p.13)*

Na *Revista Brasileira de Psicanálise*, considerada pelos psicanalistas o principal veículo da psicanálise brasileira, a tradição gerada por Freud em buscar no teatro elementos para a sua teoria, também foi praticada. Comentários sobre peças de teatro se deram logo nos dois primeiros anos de existência da Revista. Em 1967 Virgínia Leone Bicudo comentou a peça teatral de “*Édipo Rei*” e em 1968 Waldemar Zusman avaliou a peça “*Quem tem medo de Virginia Woolf*”, mas o mais instigante foi a avaliação de Virgínia Leone Bicudo sobre a peça teatral “*Roda-Viva*”, uma peça que incomodou o Regime Militar a ponto de ser reprimida e atacada pelo Comando de Caça aos Comunistas. A sua forma de avaliação estaria muito além do que os defensores do regime poderiam supor:

*“Roda Viva”, como outras peças teatrais, põe em evidência alguns aspectos dos conflitos mentais e sociais operantes em nossa sociedade. Refere-se à engrenagem social do presente como uma roda-viva que culmina matando os anseios do ser humano. A sociedade de “Roda-Viva” está organizada para desenvolver o culto ao triunfo da personalidade hipomaníaca, impedindo*

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de História. Prof. Me. de História Contemporânea da Universidade do Sagrado Coração. E-mail: [roger.monsarros@gmail.com](mailto:roger.monsarros@gmail.com)



*assim o desenvolvimento e a utilização do pensamento científico para a construção da sociedade humana, (BICUDO, 1968, p.244)*

Baseada em conhecimentos sociológicos e psicanalíticos, a crítica de Virgínia Leone Bicudo perceptível em seu texto *A Mensagem de “Roda-Viva”* permitiu constatar um certo posicionamento da revista em relação às formas opressivas e repressivas da sociedade sem, contudo, se comprometer a ponto de sofrer censura do Regime Militar.

Em 1968 o Regime Militar chegava em seu momento mais declaradamente repressivo com a assinatura do Ato Institucional nº5 pelo presidente Costa e Silva, conforme Marcos Napolitano (2014) era o momento em que os militares se mostravam ainda mais no centro decisório do poder. É significativo que em meio às passeatas e às vésperas do mais terrível Ato Institucional do Regime Militar que suprimiu por vinte anos as liberdades mais básicas do Brasil, a *Revista Brasileira de Psicanálise*, tivesse publicado um texto de Virgínia Leone Bicudo que fazia críticas aos aspectos repressores da sociedade.

O objetivo principal deste trabalho é demonstrar o que representou a avaliação da peça de teatro “Roda-Viva” em 1968 pela psicanalista Virgínia Leone Bicudo na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Entender que tipo de crítica Virgínia Leone Bicudo fez a peça “Roda-Viva” e avaliar as considerações que ela fez da sociedade da época.

Para atingir estes objetivos buscaremos o conceito de representação advindo da História Cultural. Pois o conceito de representação para Roger Chartier (2002) nos dá a possibilidade de ver num objeto alguma coisa ausente, ver o que não está dito, mas que precisa ser lido, decifrado. Neste conceito o social só tem significado nas práticas culturais e as classes e os grupos adquirem sentido nas suas construções e símbolos que imprimem de uma realidade, isto é, os indivíduos dão sentido ao mundo através das representações que constroem sobre a realidade das experiências vividas (PESAVENTO, 2008, p.13).

Antes de fazer a análise dos dados do texto Roda-Viva e buscar os sentidos das representações encontradas na avaliação da peça teatral Roda-Viva por Virgínia, foi feito um levantamento da importância de Virgínia Leone Bicudo para a *Revista Brasileira de Psicanálise* a partir do número de textos que produzira e o valor dos temas que publicara neste periódico. Definido uma pequena biografia de Virgínia e o número de artigos publicados por ela na Revista, este trabalho centrou-se na estrutura do texto Roda-Viva, decodificou-se suas subdivisões e suas partes para entender a crítica feita pela autora e suas considerações sobre sociedade da época.



## VIRGÍNIA LEONE BICUDO

Virgínia Leone Bicudo foi considerada essencial para a psicanálise no Brasil, fez parte da chamada primeira geração de psicanalistas pioneiros na instituição da psicanálise brasileira. Originária de uma família de classe média, Virginia teve uma formação acadêmica iniciada na Escola Normal Caetano de Campos em São Paulo o que permitiu sua atuação como professora primária nos anos 1930. Nesta mesma década se especializou como educadora sanitária pelo Instituto de Higiene de São Paulo em 1932, neste percurso entre orientação e ensino sobre higiene pelas escolas de São Paulo se interessou pela sociologia e se inscreveu na Escola Livre de Sociologia e Política.

*Foi na disciplina de psicologia social, dada por Noemy da Silveira Rudolfer, durante o primeiro ano de faculdade, que pela primeira vez ela ouviu falar de Freud e da psicanálise, e compreendeu, como ela mesma explica, que a “a perturbação psíquica vem também do interior”. Impressionada com esta descoberta e desejando conhecer melhor a psicanálise, um ano mais tarde ela procurou Durval Marcondes, que a colocou em contato com Adelheid Koch. (OLIVEIRA, 2005, p.207-208)*

Em 1938 estava diplomada como socióloga. Mas o seu percurso psicanalítico se fortaleceria com a análise pessoal que fazia com a psicanalista judia-alemã, Adelheid Koch, pioneira ao lado do médico Durval Marcondes na fundação da psicanálise em São Paulo. Da análise pessoal passava à sua formação em psicanálise na década de 1940 o que permitia suas primeiras visitas psiquiátricas ao lado de Durval Marcondes.

Em 1941, ela integraria o corpo docente da Escola Livre de Sociologia e Política. No campo da sociologia foi pioneira em tratar os estudos das relações raciais em sua dissertação de mestrado “Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”.

*Assim, tanto pela análise com Adelheid Koch, quanto pela redação do mestrado, uma etapa era vencida e uma nova vida se abria para Bicudo, esta jovem de origem mestiça e originária de um meio social mais modesto, que chegou em análise convencida de que o seu sofrimento era devido à sua origem social. (OLIVEIRA, 2005, p.208)*

Nos anos 1950, exerceu várias atividades na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, tornando-se uma propagandista da psicanálise. Mas, em 1955,



mesmo já promovida analista didata, o mais alto grau da formação de psicanalista, Virgínia sofreria um revés em sua carreira, quando fora acusada de charlatanismo por não ser médica no Congresso Latino-americano de Saúde Mental. Este episódio em sua vida acabou levando a sua experiência em Londres, onde fez análise com Frank Philips, teve contatos com Melaine Klein e viu emergir o pensamento de Wilfred Bion.

*Retornando em 1959, a “tímida e “silenciosa” Virginia Bicudo era, agora, resplandecente. Trazia na bagagem o modelo londrino, na vertente Klein-Bion e desbancava Adelheid Koch, para se tornar a chefe do Instituto de Psicanálise. Uma tensão se instalou entre as duas mulheres. Até 1974, Bicudo dirigiu o Instituto com mão de ferro. Depois foi exportar a psicanálise para outras regiões do país, principalmente Brasília, onde formou o primeiro study group (OLIVEIRA, 2005, p.209)*

Durante os anos de 1960, Virgínia Leone Bicudo reconhecidíssima como uma das psicanalistas mais proeminentes do país, buscava fundar com Durval Marcondes e outros psicanalistas paulista a *Revista Brasileira de Psicanálise*. Nos quatro primeiros anos da Revista ela teve um lugar destacável na publicação de textos, no total de 66 textos e artigos, ela publicou 12 deles. Os temas abordados em relação a arte, teoria psicanalítica, sociedade e profissão psicanalista estavam todos vinculados à sua missão como uma das fundadoras da Revista e em consolidá-la como periódico científico e o principal veículo da psicanálise brasileira.

Virgínia Leone Bicudo nos anos 1960 já possuía uma longa experiência na clínica e teoria psicanalíticas o que lhe permitiu ser uma das diretoras e membro do Conselho Editorial do Revista. Colocada por alguns estudiosos como apoiadora do Regime Militar, os seus textos na RBP mostrariam exatamente o oposto, como o que propôs em seu texto na RBP de 1968 vol. 2, nº 2 *A Mensagem de “Roda-Viva”*.

### **A MENSAGEM DA PEÇA TEATRAL “RODA-VIVA”**

O texto *A Mensagem de “Roda-Viva”* publicado na RBP de 1968, vol. 2, nº 2, não seguiu o rigor de um artigo científico como outros textos deste volume. Por exemplo, não havia citações diretas ou indiretas de autores da psicanálise, assim como não há referências bibliográficas e conclusão, apesar de constatemente aludir às pesquisas psicanalíticas. Percebe-se claramente que é um texto que evidenciava a autoridade da autora enquanto psicanalista experiente e referência nos meios psicanalíticos. Neste momento,



Virgínia Leone Bicudo era Diretora do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

No primeiro ítem do texto *Introdução* a autora inicia o tema explicando a necessidade de se conhecer a natureza humana, pois o desconhecimento desta natureza levaria a autodestruição da humanidade. Imediatamente expõe neste início o pressuposto psicanalítico que fundamenta sua ideia baseado na dualidade do ser humano entre o desejo de viver e o desejo de morrer. Para ela, “os conhecimentos referentes à natureza humana são instrumento indispensável para a ação, no sentido de promover a solução do conflito mental e grupal (BICUDO, 1968, p.231).

Na sua leitura psicanalítica, a autora descreve o momento que estava vivendo como uma sociedade que perdia suas expectativas de comportamento e entrava em processo de desintegração. Para ela os componentes da sociedade envolvidos num amontuado de impulsos destrutivos e reativados pelo aumento de frustração eram impedidos de perceber o que se passava, daí a importância de uma peça teatral como Roda-Viva para a sociedade e principalmente para os seus pares, os psicanalistas. Para Virgínia Leone Bicudo, a performance do artista era o que de mais rico se poderia tirar da peça.

*Possuindo talentos especiais, o artista é geralmente uma pessoa fora de seu tempo, incapaz de compreender sua gente e incompreendido em sua época. Artistas de um lado e espectadores de outro, em períodos de intenso processo de transição cultural, frequentemente se acham distanciados pela incompreensão e ausência de linguagem com significados comuns, renovando-se assim o ambiente da torre de Babel. (BICUDO, 1968, p.233)*

Este era considerado um fenômeno no texto que acontecia semelhantemente entre jovens e as gerações mais velhas. “Os jovens têm mais condições de perceber o anacronismo das leis sociais, enquanto as gerações mais velhas estariam empenhadas em defender a tradição” (BICUDO, 1968, p.233). Virgínia Leone Bicudo encerra a *Introdução* de seu texto com o seguinte questionamento: Por que razão “Roda-Viva” tem sido destacada por debates apaixonados e, recentemente, por atos de violência e perversão?

A autora entende que para uma avaliação e análise da peça Roda-Viva fazia-se necessário a definição de um esquema de referência da natureza humana, desenvolvimento do costume e das instituições sociais. No segundo ítem do texto *Natureza Humana*, a autora mais uma vez parte da importância de se conhecer dois instintos para o equilíbrio do ser humano, o instinto de vida e o instinto de morte, explica a evolução destes instintos no



desenvolvimento do indivíduo e como eles vão aparecer mais tarde nas relações sociais e culturais. Em meio da complexidade desta teoria psicanalítica, a autora acaba fazendo referências a contexto sócio-político do momento em que vivia.

*A civilização atual apresenta traços inegáveis de estar alicerçada sobre pilares inconscientes e míticos do absolutismo, na crença, na indústria bélica, no poder econômico e no político – que se sobrepõem ao pensamento científico na educação informal e sistematizada. A prova dessa asserção está nos conflitos entre as gerações, eclodidas em todo o mundo. Não é por acaso que o movimento de reforma social se caracteriza por sua universalidade e tem na vanguarda os jovens e os artistas.. (BICUDO, 1968, p.237)*

No terceiro ítem do texto *Mensagem de “Roda-Viva”*, a autora faz a análise sucinta da peça teatral de Chico Buarque de Holanda, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, demonstrando o conflito de gerações e o papel do artista, dos jovens e dos mais velhos como participantes de conflitos mentais e sociais. Virgínia Leone Bicudo expõe aos leitores da RBP que o tema central da peça se refere a um povo que sofre fome e falta de liberdade para expressar seu voto e tenta diminuir seu sentimento de frustração pela fabricação de um ídolo. Segundo a avaliação da autora “os valores consagrados pelo povo e com os quais o ídolo deve identificar-se, fornecem os característicos da estrutura social do povo em questão” (BICUDO, 1968, p. 238).

A autora descreve os outros personagens da peça, o Anjo, o Capeta, a Esposa do líder, o Amigo de outrora. Cada personagem é descrito a partir de aspectos e características psicanalíticas – Anjo ouvinte, Capeta repressor, Esposa traída e Amigo alcólatra que despreza a onipotência e a alegria hipomaníaca do Ídolo. Estes personagens são para a autora o representantes em cena de uma sociedade Roda-Viva.

*A sociedade de “Roda-Viva” está, portanto, organizada para desenvolver o culto ao triunfo da personalidade megalomaniaca. Para realizar seus fins, possui um equipamento técnico e infalível, a televisão e a instituição IBOPE, como dirigentes do destino do Ídolo e do povo, julgando pelos critérios maníacos e pela onipotência. (BICUDO, 1968, p.233)*

Virgínia Leone Bicudo destaca que se a função do Ídolo onipotente é prometer pão ao Povo, este numa determinada cena se rebela, de forma ávida e voraz desnuda o Ídolo. Em seguida, a autora descreve outras cenas mostrando o drama entre os personagens e o Ídolo até a sua morte. Para a autora, esta peça teatral focalizou a atenção sobre a



personalidade do adulto fixada em traços infantis, que impedem o crescimento mental e social, o que em sociedade geraria a Roda-Viva.

*Em síntese, “Roda-Viva” é uma crítica à organização social vigente, advertindo a todos sobre o perigo do falso prestígio por meio do triunfo, promovido pelo valor enganoso da potência do ouro, do prazer hipomaniaco constituinte da personalidade do ídolo, do herói, do mártir e do pária.. (BICUDO, 1968, p.242)*

No ítem quatro do texto *Fatôres de Progressão e de Regressão*, a autora chega ao fim de sua avaliação sobre a peça de teatro Roda-Viva. Obviamente encerra o texto para os leitores da RBP em sua linguagem e análise psicanalíticas. Conclui que “os adultos na sociedade Roda-Viva são vítimas da permanência de traços infantis em sua personalidade: a busca da satisfação das fantasias de onipotência e de voracidade insaciável” (BICUDO, 1968, p. 242). Constitui-se assim a sociedade Roda-Viva, a origem desta estaria segundo Virgínia na personalidade e formação psíquica dos indivíduos. A peça de teatro Roda-Viva, apresentada em 1968, tornou-se para Virgínia um momento oportuno para se avaliar a sociedade do momento em que estava inserida e refletir sobre o valor do teatro para o trabalho psicanalítico. Para ela, “Uma das funções do teatro é instruir e recrear, e assim possibilitar ao espectador um reajustamento emocional, por meio de catarse e de identificações com as personagens vividas durante o espetáculo.” (BICUDO, 1968, p.243)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição de Virgínia Leone Bicudo ao publicar na *Revista Brasileira de Psicanálise* o seu texto *A Mensagem de “Roda-Viva”* foi altamente significativa no momento imediatamente anterior a assinatura do AI-5 pelo Regime Militar. Sua avaliação à uma peça de teatro que foi censurada e reprimida pelos apoiadores do Regime Militar como o Comando de Caça aos Comunistas representou uma posição de contestação e crítica ao momento repressivo da época.

Respalhada pelo discurso psicanalítico, Virgínia Leone Bicudo, pode tocar em temas sem comprometer o futuro da Revista num momento tenso do país quando repressão e censura tornavam-se práticas comuns. No volume 2, nº 2 de 1968, foi contemplado como tema psicanalítico na Revista a *Regressão*, tema de caráter específico aos



psicanalistas e de difícil acesso para o leitor comum sem possuir conhecimento psicanalítico, resguardava à autora livrar-se de possível censura

Também é possível identificar a regularidade no texto dos termos ciência e científico, demonstrando uma preocupação da autora em não fugir do objetivo principal de um periódico científico, mesmo seu texto não estando em normas técnicas. Para os colaboradores da Revista a garantia da cientificidade era imprescindível e nada poderia comprometer esta condição, visões ideológicas, políticas e partidárias não deveriam ser o escopo do periódico. Esta condição periódico científico, voltado para questões estritamente psicanalíticas afastava a Revista do alvo de censuras num momento tenso do Regime Militar.

O texto de Virgínia permite capturar as representações que a ela fez da sociedade da época, o que de certa forma fora compartilhada com os colaboradores da Revista, principalmente pelos componentes da diretoria executiva da qual ela fazia parte como uma das diretoras editoriais.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elaine Christovam de. Teatro e Psicanálise. 1ª edição. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

BICUDO, Virgínia Leone Bicudo. A Mensagem de “Roda-Viva”. Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. 2, nº 2. São Paulo: Revista Brasileira de Psicanálise S/A, 1968.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. História da psicanálise – São Paulo (1920-1969). São Paulo: Escuta, 2005

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. Narrativas, imagens e práticas sociais: percurso em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p.11-18.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, vol. 2, n.2, 1968.